INSTITUIÇÕES DE CARIDADE COMO AS SANTAS CASAS

CONTAM, TODAS ELAS, SUA GALERIA NOBRE !

O dia 15 de agosto, que o calendário católico consagra à Assunção de Nossa Senhora - dia de júbilo para as consciências cristãs porque envolve, nas mesmas cerimônias, a morte e a glória da Senhora, Mãe dos Homens - é o dia máximo de festas desta Casa que Dom Joaquim José Vieira, de abençoada memória, fundou sob os auspícios daquele Nome em 1871, inaugurou em 1876 e impeliu para sua maior expansão nos anos seguintes, até deixá-la já feita e em útil funcionamento em 1883, quando daqui partiu para assumir a direção da diocese de Fortaleza, na província do Ceará.

O pensamento do fundador, naqueles recuados e tão mal estudados tempos, era permanentemente concentrado num plano de assistência e de amparo aos necessitados, mas dirigido principalmente às crianças, meninas ou meninos, faltos de auxílio e vigilância para a sua formação moral no período mais perigoso e mais exposto às seduções do mundo, no caminho resvaladiço dos males e vícios sociais - maiores e mais graves ao tempo da escravidão. Quando se inaugurou o Asilo de Orfãos, a 15 de agosto de 1890, faz hoje sessenta anos, enviou aquele Bispo insigne, da sua cadeira episcopal de Fortaleza, uma carta aberta de bençãos aos que lhe continuavam a obra, com uma evocação carinhosa em que, na modestia de poucas linhas se manifesta a amplitude dos planos que ele guardara no peito, impossibilitado, pela separação, de completá-los em Campinas:

"Já saudámos" - escreveu D. Joaquim -
"o dia 15 de agosto em 1876; saudamos o 15
de agosto de 1878; saudemos agora, jubilo-

sos um outro dia de próximo futuro, em que possamos saudar a fundação de um Liceu ou escola agrícola ou de qualquer instituição para meninos pobres"

Esse voto foi recolhido por um filho espiritual de D. Joaquim, o então vigário de Santa Cruz, padre João Batista Correia Néri que, em 1892 colocava a primeira pedra do Liceu de Artes e Ofícios do Guanabara, sob os auspícios de N. Senhora Auxiliadora. A árvore de benefícios ia alargando a copa sob o carinho de outros cultores.

15 de agosto é data consagrada, nesta Casa, desde as primeiras comemorações, a festas de júbilo aos pés da padroeira e de evocação agradecida à memória dos protetores, dos que ampararam essa obra de benemerência e, com isso também se tornaram beneméritos com seus nomes confundidos na mesma obra. Hoje o dia de consagração foi especialmente auspicioso: duas hermas lá fora, dois retratos aqui dentro: um Sousa Campos e um Camargo Penteado, nas hermas; um Pereira de Queiroz e um Sousa Costa, nos retratos - os três primeiros de velhos troncos campineiros, o último dos velhos troncos paulistas em que concorrem ramos de Itú, de Campinas e de São Carlos. A galeria nobre desta instituição ganha quatro novas efígies, duas de bronze, duas à óleo e a Família dos Protetores se amplia com essas figuras, como as grandes árvores familiares que Deus abençoa e se vão desdobrando de geração em geração, através de novos e sadios rebentos.

É oportuno acentuar, antes de traçarmos alguns dados biográficos sobre as figuras dos retratados, a feição verdadeiramente dinástica dessas homenagens. Instituições de caridade como as Santas Casas contam, todas

elas, a de Campinas como a de São Paulo, a de Santos, como as de Itú, Pirassununga ou Taubaté, sua galeria nobre, essa galeria de autêntica nobresa que se forma, não pelas eventualidades fáceis do bêrço e do sangue, mas por outros dotes que a esses se acrescentam - e são os dotes da generosidade, do devotamento, da filantropia, dos desvêlos na realização da obra de caridade e assistência.

Quem entra como colaborador de uma Santa Casa pode ter a certeza de que para ela arrasta a descendência do seu sangue e do seu nome e todas as ramificações e influência da sua amizade, tamanhos são os atrativos que essa obra de caridade desperta e difunde entre ^{os} seus servidores. Nesta dinastia de grandes consciências e corações bem formados encontramos, como é dos moldes das dinastias apostolares, senhoras e homens de condição social ilustre ou modesta, opulenta ou remediada, e até pobres, pois se umas legam riquezas em moeda ou patrimônios copiosos, outros trazem para o patrimônio da Irmandade o trabalho de uma existência inteira, colaboração preciosa através de obras, projetos, dificuldades vencidas e o fervor em atos de administração durante anos ininterruptos. Aí estão aos nossos olhos para receber nossos louvores, senhoras venerandas da velha Campinas de 1860 a 1900: velhos conspícuos da mesma era e outros de gerações mais próximas - brasileiros, portugueses, homens de ascendência da terra ou de fora, sangue paulista, sangue francês ou lusitano: - d. Maria Felicíssima com o cortejo complementar da sua parentela de Abreu Soares e Soares Arruda, Sousa Aranha, Ferreira de Camargo, Camargo Penteado, Sousa Campos, Abreu Sampaio, Pinto Nunes, Nogueiras, Ferreiras, Quirinos, Lapas, Campos Andrades, Sousa Morais - um Pereira Lima, um Vieira Bueno, um Correia de Lemos, um Jam-

beiro Costa, um Adriano de Barnos, um Braga, um Lobo, um Amaral, um Vilac, um Gerin, um Maia, e um Gonçalves de Sales, baiano, que completou a benemerência de outro que trazia o apelido de "Baía", embora fôsse um português autêntico, como portugueses foram o major Antonio Luís Rodrigues, João Batista Veloso e o Visconde de S. Valentim.

Eis aí a nobresa da Casa, em vários dos seus ramos, nobresa autêntica porque se funda na dignidade espiritual e afetiva das suas figuras, nos moldes da nobresa pontifícia, cujo tronco foi ocupado inicialmente por um pescador e já serviu de sólio a guerreiros, diplomatas da Renascença, sapateiros, príncipes de realeza medieval, heróis e até santos.

Prova da continuidade da tradição e benemerência temo-la aqui nestes dois retratos agora expostos - de d. Maria Luisa Pereira de Queiroz e de Fernando de Sousa Costa - ela, senhora da grande geração do jundiaiano Manuel Elpídio, irmão fundador em 1871 e mesário de 85 a 89, representante da velha, recatada e rigorosa família campineira; ele, lavrador e político, que os embates da vida fizeram homem de governo, dos mais eficientes que temos tido.

D. Maria Luisa, aqui nascida em 18 de setembro de 1870 e falecida em São Paulo a 10 de janeiro de 1948, com 77 anos de idade, era a 5a. e última filha do tenente-coronel Manuel Elpídio Pereira de Queiroz e de d. Miquelina de Sales Queiroz, filha de Antonio de Campos Sales. São velhos troncos da terra, entrelaçados em outras uniões. O coronel Manuel Elpídio serviu à Mesa administrativa em dois biênios seguidos, mas já aparece, antes disso, entre os protetores da casa, na época da fundação e dos trabalhos do "Vigarinho" - que

era esse o doce apelido com que era conhecido o futuro Bispo do Ceará. Na casa do velho fazendeiro o culto das virtudes familiares era permanente e os seus exemplos de generosidade, lhaneza e circunspeção teriam que frutificar, como frutificaram na descendência, na qual se contam homens ilustres na vida pública, como José Pereira de Queiroz, advogado exímio, político de reconhecida inteireza, secretário de Estado, ou na vida administrativa e social, como Antonio Pereira de Queiroz, ao lado de outros modestos, mas não menos prestantes como o último sobrevivente dessa gente honrada, Elpídio Pereira de Queiroz que vive em S. Paulo, com seus 82 anos sólidos e lúcidos. Dona Maria Luisa nunca procurou e por isso não teve a projeção social dos grandes salões: concentrou-se sempre em sua casa e no círculo vasto de sua parentela, e dali esparzia, com mão oculta e gestos ignorados, constantes benefícios aparentes e estranhos. Solteira, suas doçuras afetivas ela as distribuiu entre sobrinhas, que criou como filhas, a instituições de caridade de que era arrimo poderoso e no amparo a desválidos e uma bicharada que dela merecia desvêlos especiais. Ao redigir o seu testamento, completado por um codicilo e acompanhado de disposições particulares do próprio punho, não esqueceu nem sobrinhas, nem sobrinhos, nem afilhadas e serviçais, nem mesmo antigos pretos que tinham sido escravos da fazenda "Rio da Prata", os quais acompanharam a família em anos remotos.

O remanescente de sua fortuna, que ascende a mais de 600.000 cruzeiros, esse coube à Santa Casa de Misericórdia de Campinas, "minha terra natal", escreveu a testadora em linhas enternecidas. Essa massa de bens traz uma indicação que merece um bem atento reparo - é "para ser aplicada no tratamento e manu-

tenção de morféticos e tuberculosos".

Com a unificação da assistência a lepro-
sos em grandes leprosários do Estado a primeira aplica-
ção terá de ser indireta, reservando-se a segunda para
essa massa de atingidos pelas devastações de tuberculo-
se que figura, com dolorosa preponderância, nos nossos
obituários. Mas o que se sente, mais do que se lê, nos
dizeres do legado é a ternura do pensamento dessa senho-
ra que se volta, em primeiro lugar às vítimas do mal de
hanseniano, continuando aquela tradição, aqui tão conhe-
cida de seu tio, o major Lulú de Queiroz. O Major Lulú
fez parte da Irmandade de 1903 a 1915, seis biênios se-
guidos, servindo com assiduidade e devotamento exempla-
res. Suas maiores energias e reservas de abnegação em-
pregou-as ele, entretanto, fora daqui, no antigo "Asilo
de Morféticos" no bairro do Piçarrão, casa pela qual
passaram algumas centenas de doentes atormentados, que
ora fugiam, ora voltavam e encontravam sempre naquele
diretor simples e afável o apóstolo da caridade que
lhes levava consôlo, esperanças e o conforto da sua com-
panhia, com eles se misturando, sem receios, sem mostras
de repugnância, sentado nos mesmos bancos dos doentes,
na Capela de São Lázaro ou na sala de visitantes.

Esse pensamento delicado e sugestivo que
teve sua sobrinha Maria Luisa, os nomear os doentes dos
quais seu abnegado tio se fizera amigo e protetor duran-
te mais de vinte anos, foi decerto inspirado pela memó-
ria daqueles trabalhos e daquela insuperável dedicação.
Aproximei os dois nomes e apontei esses gestos para dei-
xar em boa evidência que atos desse estilo eram comuns
nessa nobre estirpe dos Pereira de Queiroz e devem ser
agora apontados como exemplo para a gente de fortuna que
nem sempre se lembra, nos seus períodos de abundância,

de instituições como a desta Casa, que é Santa no nome, mas é principalmente santificada pela beleza cristã do seu programa.

O outro, hoje alcançado pelas homenagens desta data festiva é Fernando Costa, que mereceu essa colocação pelo amparo que deu à Santa Casa em anos de a perturvas financeiras, concedendo-lhe de pronto uma subvenção e facilitando a entrega das cotas com celeridade e incentivos animadores, que mais ainda valorizaram aquele auxílio. Era Fernando Costa um outro membro da dinastia das Casas de Misericórdia, pois também exerceu, durante quinze anos, a provedoria da Santa Casa de Pirassununga, que o arrolou entre os seus beneméritos. A obra de assistência na bela cidade paulista consagrou também outros cuidados, quando Prefeito Municipal figurando entre os fundadores do "Asilo de Assistência à Velhice e Mendicidade" e ao "Orfanato Menino Jesús". Esse autêntico irmão operante da obra da Santa Casa foi político, deputado, secretário e ministro de Estado e governante de S. Paulo, num período em que sua figura, seu nome, seu trato cortês, suas normas de persuasão e a sua reconhecida probidade de vida e de processos, o apontaram como capaz de restituir ao nosso Estado a tranquilidade e a confiança indispensáveis à vida de trabalho em que sempre floresceu. Mas Fernando Costa era, sobretudo o homem da gleba, o fazendeiro, lavrador atilado, e ele mesmo com um curso de engenheiro agrônomo - que conhecia à fundo a economia agrícola paulista, suas falhas e exigências e, a par disso, na intimidade de vida com as populações do interior, as falhas ainda maiores e as deficiências desanimadoras do nosso aparelhamento hospitalar.

Côncio dos benefícios que, para a popula

ção dos municípios representam os hospitais, recolhimentos e abrigos de instituições particulares, correu sempre com decisão ao encontro dos seus apêlos, sem distinguir zonas ou preferir nomes ou títulos dos solicitantes. Num discurso de improviso, proferido no hospital da Beneficência Portuguesa de S. Paulo, em outubro de 1944, quando o Grande Consêlho daquela benemérita instituição lhe outorgou um título honorífico de reconhecimento por favores iguais aos que prestou a esta Santa Casa - declarou o Interventor que, em sua qualidade de homem de govêrno não se considerava credor de nenhuma instituição privada, religiosa ou leiga, por um ato governamental de concessão de verbas, auxílios ou subvenções, pois todos se enquadravam dentro de deveres estritos da administração pública. E proclamou corajosamente que a assistência à doentes, inválidos e desajustados sociais era um dos deveres ^{que} a nossa organização impunha ao poder público. Assim, qualquer obra de assistência privada nesses setores era coadjuvação preciosa que o Estado só poderia receber com louvor e reconhecimento, porque o aliviava de encargos que o erário, com suas rendas normais, não podia, como nunca pôde realizar sózinho.

Era, pois, esse pensamento, essa alta compreensão dos seus deveres de govêrno em S. Paulo que, certamente, inspirou o ato de concessão de uma verba copiosa por esse inesquecível amigo de Campinas e da sua Santa Casa de Misericórdia. Tendo morrido em circunstâncias lamentáveis, num acidente em estrada de rodagem, entre Campinas e Jundiá, a 21 de janeiro de 1946, a homenagem que hoje se presta a esse grande paulista atesta que o favor, embora ele não o considerasse tal, não foi esquecido: por ele passa Fernando Costa a figurar

na galeria dos nomes venerados desta Casa e envolvido nas orações que, aos pés da Senhora da Boa Morte, as orfãzinhas costumam elevar à Padroeira em lembrança de todos quantos tenham servido à obra de caridade que Ela preside, como inspiradora e celeste advogada.

"O louvor dos mortos" - escreveu Machado de Assis - "é um modo de orar por eles". Os louvores, hoje proferidos na ereção de dois bustos e na colocação de dois retratos, são orações votivas que os oradores proferem e encontram eco entre os ouvintes, para maior eficácia dessas préces.

Devo confessar que a idéia destas homenagens e, mais do que a idéia, o convite com que fui lembrado para tomar parte nesta cerimônia, não só me honrou, como particularmente me comoveu. Eu enxerguei no convite o pensamento de se trazer para falar neste salão e nesta cerimônia, apenas um filho de Antonio Lobo, já integrado na dinastia da Casa por quarenta e cinco anos de trabalhos ininterruptos, em períodos remansosos e em períodos de imensas angústias para Campinas.

Não levareis, certamente, como impertinência que o filho, hoje incumbido de falar, envolva o nome do Pai nesta tocante comemoração. Tem Antonio Lobo o retrato nestas paredes e não alcançou essa honraria por um donativo avultado, pois não possuía sobras para tanto. Deu, porém, uma colaboração das mais eficientes, desde a mesa administrativa eleita em 4 de junho de 1889, em que foi escolhido para secretário, até a de 4 de março de 1934, ano da sua morte,

quando exercia as funções de Provedor.

Da 1a. Mesa, a de 1889, já são todos mortos: o major Antonio Luís Rodrigues, provedor; o dr Francisco A. Pereira Lima, mordomo; Augusto César do Nascimento, tesoureiro; José Pedro de Carvalho e Silva (o Juca Pingurra), procurador, e os mesários - dr. Antonio Alves da Costa Carvalho, Francisco Glicério, dr. Gustavo Adolfo e Castro, dr. Manuel José da Silva, Júlio Frank de Arruda, Francisco de Camargo Penteado, Arthur Moreira da Rocha Brito, Guilherme Braga, Manuel Pereira do Amaral, Antonio Gomes Tojal, padre João Batista Correia Néri e dr. Luís Silvério Alves Cruz.

Da Mesa de 1934 ainda vivem - e assim Deus os conserva na sua graça por dilatados anos, alguns dos velhos companheiros: Cláudio Celestino de Toledo Soares, que era mordomo e assumiu a Provedoria; Augusto de Moraes Carvalho, dr. Carlos Francisco de Paula, Domingos de Sousa Moraes (irmão do atual Provedor), Cônego Francisco Borja do Amaral, Joaquim Ferreira Penteado Neto, dr. Júlio Soares de Arruda e Rafael de Andrade Duarte. E evoco, com saudade, os mortos: Leopoldo Amaral, secretário; Carlos Gerin, tesoureiro; Pedro Braga, procurador, e os mesários, Rlisiário Prado, Joaquim Ulisses Sarmiento, dr. José Ferreira de Camargo, José Ladeira e Orosimbo Maia.

Muitos deles já representavam uma outra, ou duas outras gerações de servidores da Casa e mantinham o elo de tradição que vai unindo os que passaram aos que passarão um dia, ou para aproveitarmos a expressão de Rui Barbosa em discurso famoso - "a água que corre da água que já correu".

Conheci quase todos eles, pessoalmente; alguns com maior intimidade, outros mais à distancia, pe

la diferença das nossas idades; contava, mesmo, alguns deles, como inolvidáveis amigos, cuja memória vou perpetuar com permanente saudade.

E se falo dêles, não me é escusado esquecer - é evocação que será bem recebida por todos que aqui hoje se reúnem - o nome da Irmã Superiora Ana Justina Martinet, que teve o seu retrato aqui inaugurado a 17 de agosto de 1905, em cerimônia a que assistí, a que ela procurou esquivar-se com rogos e até com lágrimas, e na qual o secretário e orador retracou em períodos comovidos e comoventes os trabalhos do grupo inicial das Irmãs de S. José, que eram três - Ana Felicité, Basília e Ana Justina - que o Vigário Joaquim José Vieira conseguira trazer de São Paulo, do Seminário das Educandas, para darem as primeiras ordens e direção ao hospital naquele ano de 1876.

Esses nomes e essas efígies que ocupam todas as paredes do salão, compõem um patrimônio sagrado, o patrimônio das tradições desta Santa Casa. A princípio eram poucos; hoje o ról dos beneméritos cresceu e preza aos céus que cresça sempre, com a progressão de seus trabalhos e proteção, em escala cada vez maior, porque as necessidades da Casa aumentam, de ano para ano como aumentam as necessidades e aflições do mundo que ela abriga e protege.

Aos que hoje aqui recebem estas homenagens um prêmio maior e mais valioso lhes terá sido concedido sob os influxos de Nossa Senhora da Boa Morte, que é a mesma Senhora da Graça e da Glória. Disse o padre Antonio Vieira, pregador fanoso do século XVII, repetindo, num dos seus sermões, expressões de Santo Ambrósio, que "laudatio hóminis nun in exordio, sed in fine est": o louvor dos homens não está no princípio,

isto é, no nascimento, mas no fim, isto é, na morte - porque só depois de morto se pesam suas obras, se aferre das suas virtudes, se contrabalançam generosidades e fraquezas, virtudes e descaídas, méritos e pecados. E o louvor que então aparece, como resultado desse tremendo balanço de contas, é rigoroso, quase definitivo. Aqui estamos hoje para assistir a uma cerimônia em que os méritos de vários mortos, foram aferidos e pesados, com louvor para suas memórias. Que eles repousem na paz do Senhor, sob o olhar de doçura e benignidade da Nossa Padroeira, são votos que todos fazemos, como prêmio das suas vidas. E que esses gestos caridosos sirvam de exemplo e incentivo a outros tantos homens de fortuna, que passam por aí, distraídos e esquecidos de obras como esta e sem desviarem das suas abundancias o que estas poderiam produzir de lenitivo para dores, males e lágrimas alheias - eis o que podemos apontar-lhes para que ainda em tempo, tornem mais proveitosas suas vidas e alcancem, por essa estrada larga, o conforto de uma boa morte.

Corpus Paulistano 5-I-951